

# A ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA DE EMIGRANTES PORTUGUESES EM NEWARK: RESISTÊNCIA AOS ESTEREÓTIPOS E EMANCIPAÇÃO GLOCAL

Elsa Lechner  
Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra  
elsalechner@ces.uc.pt

## Resumo

Este texto apresenta resultados preliminares de uma pesquisa em curso junto de emigrantes portugueses em Newark, New Jersey, EUA<sup>1</sup>. Partindo da constatação de uma dissonância entre as representações dominantes sobre o/a emigrante português/a, e as identidades criativas de pessoas em carne e osso que encontramos no terreno, abordaremos a questão da escrita de si - através da análise de relatos auto-biográficos publicados por emigrantes -, como uma forma de resistência e de empoderamento face aos estereótipos e clichés veiculados em Portugal e na diáspora.

Ultrapassando uma compreensão meramente económica ou sociológica da figura do emigrante no discurso público dominante, este trabalho propõe uma revisão da forma de estudar e encarar a emigração através da análise do poder social e valor heurístico da escrita autobiográfica.

Serão apresentados trechos de textos autobiográficos publicados em edições de autor, bem como narrativas produzidas a partir da solicitação da antropóloga.

Do ponto de vista teórico, este trabalho coloca em evidência o contributo decisivo da pesquisa biográfica na emancipação de grupos e pessoas insuficientemente valorizadas pelo discurso do senso comum, com recurso também às literacias digitais. Neste caso, emigrantes portugueses na diáspora.

---

<sup>1</sup> Projecto financiado pela Comissão Fulbright/Instituto Camões e acolhido pelo Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Brown, bem como pelo Departamento de Espanhol e Português da Universidade de Rutgers. Programa de apoio a Investigadores Doutorados 2013.

## Introdução

A escrita autobiográfica corresponde a um género literário com usos e conotações sociais diferentes em função dos seus contextos de produção e de edição. No caso que aqui nos ocupa, referente a portugueses emigrantes<sup>2</sup> ou residentes no Estado da Nova Jérnia, EUA, esta escrita tem a particularidade de representar, em si mesma, uma síntese ou híbrido cultural entre um género literário bem estabelecido e aceite nos EUA (Lee, 1988), e a escassez de produções autobiográficas de autores/as ibéricas/os (Medeiros and Herpoel, 2008). Além disso, trata-se de textos escritos por emigrantes de primeira geração nos EUA, vindos nos anos 1950/70/80 de Portugal, com níveis de educação escolar baixos ou médios. Tal significa que estes textos não só se inserem na categoria de etno-autobiografias (Browder, 2000; Lechner, 2010), como correspondem a um exercício de emancipação de uma classe popular que faz uso da apresentação pública da sua identidade na diáspora, como de um instrumento político de empoderamento (Fagundes 2005, Lechner, 2009; Villar 2012) mais ou menos consciente.

Na análise aqui proposta, abordaremos a questão da escrita de si destes homens e mulheres portugueses nos EUA (analisamos 4 obras de 2 homens e 2 mulheres), como uma forma de resistência e de emancipação que não coincide com os estereótipos e clichés veiculados em Portugal e na diáspora.<sup>3</sup> Ultrapassando uma compreensão meramente económica ou sociológica da figura do emigrante no discurso público dominante, este trabalho propõe uma revisão da forma de estudar e encarar a emigração através da análise do poder social e valor heurístico da escrita autobiográfica dos emigrantes.

Do ponto de vista teórico, este texto coloca em evidência o contributo decisivo da pesquisa biográfica na emancipação de grupos e pessoas insuficientemente valorizadas

---

<sup>2</sup> Vários dos nossos entrevistados sublinharam desagrado perante o facto de serem apelidados ou incluídos na categoria discursiva e administrativa (política) de “emigrante”. Consideram-se antes “portugueses residentes no estrangeiro” e vêem na palavra “emigrante” uma exclusão infligida por quem nunca teve de partir de Portugal. Noutro texto em preparação analisamos esta questão a partir dos testemunhos recolhidos neste terreno específico onde, como se sabe, grande parte da população tem uma origem estrangeira.

<sup>3</sup> A figura do/da emigrante é um “símbolo chave” da identidade nacional portuguesa (Brettell 2003), e tem sido objecto de atenção na literatura portuguesa dos séculos XIX e XX. Como mostra Kim Holton no seu artigo “Pride, prejudice and politics” (2005), “o estigma associado aos portugueses da diáspora deve-se às políticas de emigração restritivas do Estado Novo, a um ciclo de “ilusão” perpetuado por emigrantes que retornam contrariando uma imagem de riqueza (Brettell 2003), à “inveja” (Cole 1991), e a um sentimento de traição entre quem deixou o país (Feldman-Bianco 1992)”. *Minha tradução*.

pelos discursos dominantes e do senso comum. Para tal, procedemos a uma análise de quatro obras autobiográficas encontradas no terreno de Newark, e respectivas dimensões políticas.

### **Tempos e lugares: dos condicionalismos identitários à acção sobre si**

As quatro obras que escolhemos aqui analisar foram escritas por duas mulheres e dois homens vindos de Portugal continental para o Estado de Nova Jérсия, nos anos 1956 (Felicidade Almeida), 1973 (Jo Santos, escrita por Baldomiro Soares), 1986 (Ilda Pinto de Almeida), 1986 (Tozé Silva). Felicidade Almeida era natural da Murtosa, Distrito de Aveiro, e faleceu pouco tempo depois de publicar o seu livro, com mais de 80 anos. José dos Santos nasceu em Freixiosa, Mangualde, e tem hoje 66 anos. Ilda Pinto de Almeida, veio da região de Viseu, tendo agora 52 anos. Tozé Silva nasceu em 1942 na aldeia de Currelos, igualmente no Distrito de Viseu.

O livro de Felicidade Almeida foi-me oferecido pelo revisor do texto, o poeta e escultor de madeira João Martins, a quem Dona Felicidade pediu ajuda com o manuscrito. Os demais foram-me facultados pelos respectivos autores ou retratados. Tanto o título do livro de Felicidade Almeida, como o de Ilda Pinto de Almeida, coincidentemente, remetem para a noção de tempo (“Quando...”), enquanto os livros de Tozé Silva e Jo Santos, apresentam títulos que remetem para a noção de espaço (“Labirinto” e “Freixiosa”). Mas todos falam do percurso de cada um, entre a terra natal, outros destinos migratórios da história do Portugal pré-democrático (França, Suíça, ex-colónias africanas), e o país de residência.

Espaço e tempo são locus analíticos privilegiados nos textos autobiográficos. Como compassos existenciais de cada vida relatada, o tempo e o espaço, servem de referenciais narrativos factuais e psicológicos aos narradores e narratários, assim como também pautam a identidade do próprio texto autobiográfico, entendido como um artefacto cultural e histórico. No caso específico de obras escritas ou relatadas por autores da diáspora, esses referenciais adquirem uma importância acrescida, pois a experiência de vida é marcada, por definição e definitivamente, pela ruptura geográfica (de onde se veio, para onde se foi, passando por onde?) e temporalidades da emigração (o antes e o depois, o tempo daqui, o tempo dali, a nostalgia, a vida num presente suspenso ou enraizado em novas e antigas pertenças identitárias, projectos de futuro, de transmissão linguística e cultural, de comunidade). Tal como fazem notar Sidonie Smith

e Julia Watson, os sujeitos autobiográficos, e as subjectividades veiculadas pelos textos autobiográficos, são compreensíveis à luz de conceitos chave como: memória, experiência, identidade, espaço, corpo, agenciamento (2010: 21-22).

Segundo a nossa interpretação destas autoras, a memória remete para o tempo, mas também para tempos de sentido histórico, tempos de atribuição de sentidos novos ou usados, contextos de significado, políticas da memória, memória colectiva e privada.

Uma vez privada e narrada na primeira pessoa, a memória e o tempo (como o espaço), são experiência ou relatos de experiência. Esta é constitutiva dos sujeitos e das subjectividades, mas é também interpretação, autoria, tradição ou criatividade.

Vivida e herdada, a vida narrada é e transmite identidade. Traduz diferenças e semelhanças, posiciona-se discursivamente, logo, ideologicamente. É cultural e historicamente específica, sendo que os contextos presentes das migrações transcontinentais desafiam o específico e o local num sentido também global (ou, pelo menos, das mobilidades).

O espaço é, assim, não só o lugar que o corpo ocupa, trazendo identidade para os territórios geográficos, mas é também lugar de relações, trocas, diálogos e confrontações, geopolítica, inventividade, interioridade e exterioridade, adaptação e reinvenção de pertenças.

E aqui encontramos a agencia/agenciamento ou capacidade de acção e criação a partir do tudo e do nada. As teorias da agencia ou agenciamento remetem para várias noções de sujeito e de subjectividades, mas interessam-nos aqui as que contemplam a acção (trans)formadora dos sujeitos sobre suas próprias vidas, começando pelo conhecimento de si (as “tecnologias do Eu” analisadas por Michel Foucault) e compreensão dos contextos de vida. Um poema de Ilda traduz estes vários ingredientes na escrita de si: memória, espaço, corpo, experiência, tempo, identidade, agencia.

#### A FORÇA DE UM LUGAR

Recordar a minha terra  
É dar vida ao pensamento  
É relembrar a serra  
E esquecer o sofrimento

Quando era catraia  
Queria uma estrela ser  
Para dar à poesia  
Brilho ao anoitecer

Pensar na casa onde cresci

Era recordar como trepei a oliveira  
Em seus ramos fui cantadeira  
Das poesias que na mente eu escrevi

(Quando o sol deixa de brilhar, p.56)

No caso dos autores e autoras que aqui nos ocupam, as motivações que os levaram a querer publicar as suas memórias e relatos autobiográficos, são também elas um tempo e um espaço de afirmação pública do valor que atribuem à sua experiência, à sua identidade. Carmen Ramos Villar, num estudo que publicou sobre três biografias de açorianos norte-americanos, analisa as obras autobiográficas como o lugar de empoderamento de uma performance cultural e identitária destes emigrantes ou descendentes de emigrantes portugueses dos Açores nos EUA (2012: 244). A escrita torna-se num lugar “ponte” entre duas cosmovisões, duas experiências, duas identidades. Um lugar também de afirmação de uma identidade única, mista, nos dois lugares de pertença.

Para Felicidade Almeida em “Quando toda a esperança é azul”, a motivação apresentada é a vontade de transmissão aos netos da sua história de vida “para que nunca percam a esperança, nem deixem de sonhar” (p. 5). E a sua história é uma história difícil, de pobreza na infância, maus-tratos familiares, emigração sozinha, em 1956, com 26 anos de idade. Uma experiência migratória marcada pelo casamento sem amor para poder ficar nos EUA, pelo sofrimento, solidão, traição familiar, doença, e muito, muito trabalho e sacrifício.

Também Ilda Pinto de Almeida refere a vontade de “levar aos leitores a mensagem de que é possível ultrapassar obstáculos mesmo quando tudo parece perdido.” (mensagem pessoal no facebook, 06-08-2014). Ilda veio com o marido e filha, tendo passado primeiro pela Suíça onde viveu 3 anos (dos 21 aos 23), onde foi denunciada à polícia por outros portugueses por não ter autorização de residência. Esteve presa até ser levada para Portugal, tendo vindo meses depois para os EUA pelo Canadá, com ajuda de uma família portuguesa com quem foi posta em contacto para atravessar a fronteira com os EUA. Em Portugal havia completado o Liceu e frequentado uma escola comercial.

Já José dos Santos apresenta a sua autobiografia como um documento etno-histórico, onde dedica a sua vida de beirão de Mangualde à preservação dos valores e cultura material dos agricultores da sua terra natal. A par da sua autobiografia imaginada, foi fazendo fotografias e colecção de objectos da lavoura, tendo entretanto construído um

museu rural na sua aldeia natal, Freixiosa (título do livro). Jo Santos é um empresário de sucesso na região de Newark, e é um notável da comunidade portuguesa, com vários prémios e distinções, tendo sido condecorado com a Comenda da Ordem do Mérito, em 1996, pelo Primeiro-ministro Português, António Guterres.

Tozé Silva, no seu “Labirinto” fala do seu livro como de um sonho realizado, tal como Felicidade “O meu sonho de criança”. Escreveu-o por estímulo da filha, que esteve também na origem do seu projecto migratório. Igualmente originário da região das Beiras, António José não pode estudar como queria, tendo apenas a 4ª classe, tal como Jo Santos. Escrever para ele, mesmo com erros como diz, é viver o sonho. Para Felicidade foi publicar o livro a realização almejada: “lembro-me do sonho de criança ser lindo, espectacular para mim, ao contrário do que a vida me ofereceu. Nem sempre a realidade se reflecte nos sonhos. Mas de sonho em sonho se constroem as vidas.” (Felicidade Almeida, 2009, p. 17). Tanto Tozé, como Felicidade, guardaram uma nostalgia ao longo do tempo por terem tido de interromper a escolaridade em tenra idade. Felicidade nem chegou a frequentar a 4ª classe, ficou pela 3ª, por ter de ajudar os pais e irmãos, faltando à escola, razão pela qual foi expulsa pela professora. A resposta da mãe perante este facto foi: “Não faz mal, já sabes ler e escrever, já sabes mais que eu; eu preciso de ti.” (p.24). A escrita da sua autobiografia à mão, entregue em papel ao revisor do texto João Martins, foi um exercício de resgate de uma literacia embargada pelas circunstâncias adversas à grande maioria dos portugueses na época. Note-se que ainda nas vésperas da transição democrática em Portugal (1970) – várias décadas depois da escola primária de Felicidade - as taxas de analfabetismo atingiam quase 40% no caso das mulheres, e cerca de 35% nos homens. Para uma portuguesa como Felicidade, escrever a sua autobiografia nos EUA é, então, não só contrariar a sua pobre herança escolar do Portugal dos anos 1940, como inaugurar uma ousadia raríssima entre mulheres lusas na diáspora.<sup>4</sup> O mesmo se aplica também aos homens de classe popular, que poderiam nem sequer se interessar por escrever *tout court*, muito menos sobre si próprios. O que faz estas pessoas tornarem-se autoras da sua autobiografia? As duas partes que se seguem tentam trazer elementos de resposta a esta pergunta.

---

<sup>4</sup> São poucos os estudos sobre testemunhos autobiográficos de portuguesas da diáspora. Uma excepção encontra-se no trabalho de Clara Moura Lourenço, dedicado a escritoras lusas em França e no Canada: 2008.

## **Textos e contextos: valor heurístico e poder social dos relatos autobiográficos**

Em textos anteriores já discorremos sobre o contributo da pesquisa biográfica para o estudo das migrações (Lechner 2011, Lechner 2014a, 2014b) e sobre as oficinas biográficas, que são rodas de histórias onde em grupo as pessoas contam as suas histórias de vida (Lechner 2012). Num desses textos, relembramos a história dos estudos biográficos nas ciências sociais, nomeadamente na sociologia e na antropologia e sua articulação com as transformações sociais da época em que surgiram ou se desenvolveram (Lechner 2014a). Franco Ferrarotti é uma referência chave no estudo social através do biográfico. No seu importante contributo para a legitimação do “método biográfico”, Ferrarotti (1983) analisa o potencial heurístico da biografia e a sua natureza subjectiva e histórica. Estas trazem à análise dos cientistas sociais a necessidade de estudar a praxis humana como um processo sintético, uma síntese entre os ingredientes por vezes opostos, mas complementares, que são indivíduo e sociedade, agência e estrutura. Assim, a subjectividade não renegada na análise social permite conhecer nas histórias de vida e narrativas biográficas as respectivas interpretações dos aspectos objectivos da vida social: o que é e como é viver num país estrangeiro sem passaporte ou documentos válidos? Como é e o que é ser discriminado no país de imigração pela cor da pele, origem étnico-religiosa, ou por se ser mulher?

Estas perguntas, bem como a própria forma como as formulamos (“o que é” remete para o normativo, enquanto que “como é” remete para o ideográfico), dão relevo à multidimensionalidade da análise biográfica: para conhecer as experiências migratórias de pessoas em carne e osso temos de recorrer a suas narrativas e vivências concretas, às suas representações. Para tal, torna-se necessário suscitar um discurso nos nossos interlocutores, ou ter acesso aos seus relatos biográficos escritos ou orais, ou outros (fotográficos, fílmicos, performativos, plásticos). Nessa interacção, na qual escutamos ou lemos, devemos partir do reconhecimento da nossa posição e lugar respectivos. O saber veiculado é um saber de experiência. E o discurso pronunciado, um campo de análise por excelência. A leitura e a escuta, por sua vez, tal como um estudo analítico, são já interpretações, que seguem, também elas, grelhas e cosmovisões. No nosso caso, antevemos os escritos autobiográficos de portugueses em Newark, como uma emancipação glocal que promove ou pode promover uma imagem renovada, mais positiva, dos emigrantes na esfera pública em Portugal e na diáspora. Este facto é tanto mais relevante, quando sabemos que a diáspora portuguesa é vasta e antiga, sendo

estruturalmente perpetuada ao longo da História e no presente (a saída de nacionais do país é novamente muito elevada), para todos os continentes.

A pesquisa biográfica serve este duplo propósito analítico de dar a conhecer as formas de vivência e interpretação concretas de quem se conta, por um lado, e o significado social e político dessas mesmas experiências privadas (as narrativas biográficas) e tentativa de conhecimento colectivo (a pesquisa com e sobre essas narrativas). Segundo Idalina Conde (CONDE 1993, p 45), o valor heurístico dos testemunhos e narrativas biográficas nas ciências sociais depende de uma teoria orientadora de cada pesquisa e de teorias processuais adjacentes. Mais do que uma teoria geral do sujeito - à partida necessariamente parcial e problemática - aplicável a todos e cada um dos estudos com histórias de vida, a pesquisa biográfica executa teorias contextuais de sujeitos. O contributo valioso que pode oferecer à análise social reside, assim, no conhecimento intensivo e aprofundado de um dado tema (alargado à sua multidimensionalidade particular), orientado por um objectivo teórico-prático claramente definido à partida. Este é o caso de muitos estudos realizados pela antropologia das migrações que recorrem a entrevistas e relatos biográficos de migrantes para compreender movimentos transnacionais, dinâmicas familiares transcontinentais ou migrações pós-coloniais (GLICK-SCHILLER e FOURON 2001). Também é o caso de estudos literários que analisam os textos autobiográficos para conhecer e compreender sentidos de pertença e de identidade ou cultura (estudos culturais).

Os testemunhos biográficos trazem à pesquisa das migrações a necessária informação sobre a experiência migratória de pessoas em carne e osso num dado contexto migratório (internacional, inter-regional, ou transcontinental), mas também (in)formam o próprio narrador e narratários sobre as condições de possibilidade de um discurso sobre essa vivência, e um discurso trazido para a esfera pública o que, só por si, corresponde ao real acesso a um certo poder (GOODY, 2000). Nesse sentido, os textos autobiográficos são emancipadores tanto dos narradores como dos narratários, por darem a conhecer (e *performarem*) simultaneamente a identidade dos primeiros e a dimensão colectiva das suas experiências individuais. Por exemplo, e de forma importante, as quatro biografias aqui em análise retratam a realidade histórica e sociológica da emigração de Portugal continental para a região de New Jersey ao longo de várias décadas. Dessa maneira, cumprem a sua função cívica e política de informarem um público menos restrito (quando não vasto) e anónimo, sobre a história



de dois países, de várias regiões do globo. As respectivas visões são necessariamente parciais mas a experiência de cada um, essa, é *total* (no sentido de Ferrarotti).

Não será insignificante, para que estas obras tenham vindo à luz do dia, o facto de seus autores estarem próximos do epicentro da vida comunitária portuguesa de Newark. Apesar de terem começado ou permanecido em trabalhos braçais nas limpezas, obras, fábricas ou comércios nos EUA, todos tinham relações pessoais, familiares ou profissionais com clubes e associações ou empresas famosas da comunidade. Jo Santos foi mesmo presidente do Sport Clube Português de Newark, e To Zé Silva é membro da ProVerbo, associação cultural do mesmo clube. Felicidade Almeida era mãe da esposa de um grande comerciante português, dono de uma rede de supermercados e restaurantes portugueses em Newark. Ilda, por sua vez, é membro do Portuguese Instruction Club de Elizabeth, e da Igreja Evangélica portuguesa em New Jersey, O Bom Pastor. Foi no seio da igreja que começou a escrever e onde foi impulsionada a publicar. Estes apoios institucionais e comunitários (mesmo que apenas morais) reiteram a ideia de que não basta a autoria de quem escreve para publicar, é preciso também que a comunidade de base ganhe alguma autoridade para que as obras sejam publicadas. As etnografias de terreno mostram que, para poder falar de si próprio/a, não é apenas necessária « uma competência » mas também uma « autoridade », ou seja, uma capacidade de se ser ouvido/a e reconhecido/a (Fabre, Jamin & Massenzio, 2010, p. 10). Capacidades estas inacessíveis à grande maioria das pessoas, mesmo na era do digital. As edições de autor, neste contexto, são o primeiro grau de acesso a tal competência e autoridade.

Se por um lado, o perfil sociológico destes quatro portugueses se encaixa perfeitamente no retrato padrão do português e portuguesa vindos para os EUA na segunda metade do século XX, por outro lado, o facto de terem publicado as suas autobiografias não é minimamente típico. Vários autores já estudaram e escreveram sobre a comunidade portuguesa continental (e não açoriana) da costa Leste e suas características gerais como grupo cultural e linguisticamente distinto no panorama norte-americano (ver o histórico e datado Leo Pap 1976; ou os estudos mais recentes editados por Onésimo Almeida, 2010 ou Kimberly da Costa Holton e Andrea Klimt, 2009). Outros autores interessaram-se especificamente pela produção poética de portugueses nos EUA (Capinha, 1988) entendida como uma produção cultural semiperiférica de resistência ao esquecimento e ao completo domínio pela “cultura do centro”. Produção essa, segundo Graça Capinha, que coloca esta poesia da diáspora na vanguarda da resistência cultural portuguesa,

desde logo porque escrita em português na América do norte (Capinha, 1988, 2000). Neste contexto, o que interessa aqui por em relevo é a passagem à escrita publicada (mesmo em edições de autor sem revisão ou avaliação) de autobiografias de escritores improváveis no panorama português. As autobiografias destes portugueses não só fazem um contraponto simbólico ao Portugal pobre, rural e pré-democrático de onde saíram e que os produziu, como traduz uma emancipação nos EUA de uma comunidade lusa pouco associada à escrita ou historicamente associada a baixos níveis de instrução (PAP, 1976). Se a leitura destes quatro livros trará alguma diferença a seu público, é uma questão ainda a pesquisar.

### **Os temas da escrita: temas de vida, retratos de época.**

As quatro autobiografias que nos ocupam aqui começam por referir a infância de cada autor, descrevendo a terra de origem, vida familiar, contexto geográfico. Todos nasceram no interior de Portugal, longe de grandes cidades, em meios rurais ou piscatórios. Apenas Ilda Pinto de Almeida era filha de comerciantes com alguma instrução e pouca religiosidade, o que contrasta com o cenário geral do país na época, e com os retratos familiares dos demais autores em análise. Os quadros socio-históricos desenhados nestas quatro histórias de vida traduzem de forma rápida e simples o retrato do Portugal da primeira metade do século XX, inícios da segunda metade. A emigração é um traço comum a todas as épocas contempladas no arco temporal que encontramos entre a data de nascimento de Felicidade Almeida (1929), e de Ilda Almeida (1961), a mais velha e mais nova autoras da nossa pequena amostra. É conhecida a tendência estrutural da emigração na sociedade portuguesa ao longo dos séculos, mas o século XX foi marcadamente um período alargado de fluxos regulados e não regulados para vários continentes, nomeadamente o americano. Neste contexto, é de referir também que a emigração portuguesa para França nos anos 1960/70, constituiu o maior fluxo de emigração clandestina da história da Europa, sendo Paris a segunda cidade portuguesa em termos demográficos (há mais portugueses em Paris do que no Porto). No presente voltamos a constatar uma importante (e preocupante) saída de portugueses do país (os números de 2012, 2013, estão a superar os de 1960). Mas agora o perfil sociológico é outro.

Do Portugal rural, pobre, pré-democrático, pouco instruído e a braços com uma guerra colonial em África, saíram Felicidade, José, Ilda e António. As infâncias marcadas pela

fome, penúria, violências várias e escola interrompida, levaram Felicidade, José e António a querer sair das suas aldeias natais. O caso de Ilda é um pouco diferente pois foi a morte de seus pais quando tinha apenas treze anos de idade que a fez sentir-se um fardo em casa dos seus irmãos já casados. Terminou o liceu, trabalhou numa Pensão mas cedo emigrou para a Suíça onde esteve três anos com uma autorização de residência de seis meses.

Felicidade foi para Lisboa, servir como “criada”<sup>5</sup> em 1948. Tozé foi para Moçambique como soldado em 1964. Jo Santos foi para França em 1965, onde chegou *a salto*<sup>6</sup>. Por sua vez, estas experiências noutras terras, países, culturas, acirraram, de uma forma ou de outra a vontade de vir para os EUA. Aqui todos tinham já familiares ou familiares de familiares.

Os relatos das viagens propriamente ditas são mais fáceis para uns do que para outros, pois houve quem não tivesse vindo nas melhores condições, como Ilda, que teve de atravessar a fronteira pelo Canadá. Na verdade, Ilda só me contou oralmente a sua odisseia, terminando o seu livro no relato sobre o seu primeiro trabalho em Portugal. A vida da emigração, ou do trabalho num país onde se não nasceu, é tratada de forma muito diferente por Felicidade, Jo, e Tozé. Mesmo Ilda, nas suas alusões aos obstáculos da vida, refere com mais veemência as dificuldades, tal como Felicidade, do que os dois autores masculinos. Estes últimos também referem as agruras da comunicação numa língua desconhecida, do clima frio do inverno, do trabalho extenuante e duro nas obras. Mas dedicam-se mais a descrever os feitos de sucesso, como os trabalhos reconhecidos, os bens adquiridos, viagens de turismo, a vida associativa, os contactos políticos em Portugal e em New Jersey, do que as duas autoras. A história de Felicidade, em contrapartida, traz elementos de análise muito ricos para o conhecimento da vida das famílias portuguesas de Newark, sobretudo no que diz respeito às redes de solidariedade ou dependência, às relações tradicionais entre homens e mulheres, madrinhas e afilhadas, educação dos filhos, gestão da vida familiar e trabalho feminino. Tozé também traz uma história de divórcio e libertação, que não consta em nenhum dos outros livros. Fala várias vezes da sua sorte e escreve mesmo um poema onde se refere a ela por ocasião do seu aniversário:

---

<sup>5</sup> Este termo, só por si, é um retrato de época. As “criadas” eram meninas pobres do interior do país que iam servir para casas de família em tenra idade, sobretudo nas cidades. Trabalhavam, dormiam e comiam na casa que serviam, e cresciam longe das famílias. Ver, a este propósito, o livro de Inês Brasão, 2012.

<sup>6</sup> *A salto*, significa clandestinamente. Atravessavam a fronteira a pé, pagando passadores e mostrando uma foto rasgada cuja outra metade deveria estar na posse de quem os levava até ao destino. Ver, a este propósito, o filme documentário “A Fotografia Rasgada” de José Vieira, 2002.

[...] Sou uma pessoa com sorte, pois nunca perdi o norte. A este lindo cantinho, Currelos de gente honrada, em meu coração é guardada. Com muito, muito carinho. Viste-me nascer um dia, e eu cheio de alegria, cresci, entre sonhos e enganos. Hoje, estou aqui a recordar, e com todos vós a festejar um ciclo de setenta anos. (António José Silva, “Currelos, meu berço” in Labirinto).

O testemunho de José Santos é igualmente celebratório mas sobretudo focado nas suas obras colectivas no seio da comunidade ou na aldeia natal, onde construiu o museu. Santos e Ilda Almeida escrevem na terceira pessoa (o livro de Jo não foi escrito por ele). Silva e Felicidade Almeida, na primeira.

Felicidade e Ilda aparecem como mães coragem, que viveram a dor profunda mas sobreviveram a ela. No fim do seu livro Ilda escreve:

“Quantas vezes nesta caminhada de espinhos e de tempestades essa menina se refugiava algures no meio de nada. Pensava, falava com alguém que ela chamava de invisível, seu único e verdadeiro amigo.

Ela queria acreditar que havia uma razão, que para além do visível era preciso acreditar, era necessário sonhar, não havia lugar para desistir.

Coragem para ela era saber esperar com esperança na certeza que todos os sonhos que sonhara eram possíveis de alcançar.

Coragem era ainda lutar e persistir até ao dia que se tornassem em realidade.” (Ilda Pinto de Almeida, in “Quando o sol deixa de brilhar”)

Felicidade diz: “Ainda vivo só. Continuo a tomar conta da minha vida até poder e Deus querer. Peço a Deus que me deixe partir como o meu querido pai. Desejo de todo o coração não dar problemas às minhas filhas e, se precisar, que me ajudem. Se tiver de ir viver com elas e precisar de alguém que tome conta de mim, que paguem do que eu tenho: tenho a minha pensão, tenho os meus benefícios, tenho a minha casa. Não me deixem estar só quando eu mais precisar. Estamos todos de férias nesta vida, mas são muito curtas e então é saber escolher entre as rosas e os espinhos.” (Felicidade Almeida, in “Quando toda a esperança é azul”).

O tema dos espinhos e da esperança repete-se na escrita das duas mulheres. A determinação e acção, na dos dois homens. Jo Santos é mesmo homenageado no seu livro, pelo Ex-Presidente da Câmara Municipal de Mangualde que escreveu o prefácio. Tozé pelos seus familiares e amigos, com quem termina o relato, na festa dos seus setenta anos.

Os quatro protagonizam uma coragem de dar a conhecer que nem todos desejam ter. Sobretudo num meio muitas vezes retratado como pouco solidário ou elogioso de pessoas comuns. Talvez a sua ousadia, inspire outros conterrâneos com muitas histórias da História por contar. O facto é que estes livros dão rosto público a quem em Portugal e na diáspora não é ainda bafejado com uma imagem positiva: os e as trabalhadoras portuguesas a quem se chama tecnicamente de emigrantes.

## Referencias:

- ALMEIDA, Felicidade. (2009). *Quando toda a esperança é azul*. Autobiografia. Newark: edição de autor.
- ALMEIDA, Ilda Pinto de. (2014). *Quando o sol deixa de brilhar*. Contos/Memórias. Lisboa: Ed. Sinapis.
- ALMEIDA, Onésimo. (2010): *O Peso do Hífen. Ensaio sobre a experiência luso-americana*. Lisboa: ICS.
- BAHBHA, Homi. (1992). “The World and the Home”, *Social Text*, nº 31/32. Third World and Post-Colonial Issues, Duke University Press, pp. 141-153.
- BRASÃO, Inês. (2012). *O Tempo das Criadas. A condição servil em Portugal (1940-1970)*, Lisboa: Tinta da China.
- BRETTELL, Caroline. (2003). *Anthropology and Migration: Essays on Transnationalism, Ethnicity and Identity*, Walnut Creek, CA, AltaMira Press.
- BROWDER, Laura. (2000). *Slippery Characters: Ethnic Impersonators and American Identities*. Chapel Hill and London: University of North Carolina Press.
- CAPINHA, Graça. (1988). “A produção poética na semiperiferia: a condição da bruma”, *Oficina do CES*, Coimbra.
- COLE, Sally. (1991). *Women of the Praia: Work and Lives in a Portuguese Coastal Community*, Princeton, Princeton University Press.
- CONDE, Idalina. (1993). “Problemas e virtudes na defesa da biografia”, in *Sociologia Problemas e Práticas*, nº 13, 39-57.
- FABRE, D., JAMIN, J., & MASSENZIO, M. (2010). « Jeu et enjeu ethnographiques de la biographie » Introduction. *L'Homme*, Paris, 195/196, 7-21.
- FAGUNDES, Francisco. (2005). “Portuguese Immigrant Experience in America in Autobiography”, *Hispania*, Vol. 88, Nº 4, pp. 701-712.
- FELDMAN-BIANCO, Bela; CAPINHA, Graça (Org.). (2000). *Identidades: estudos de cultura e poder*. São Paulo : Huitec.
- FELDMAN-BIANCO. (1992). “Multiple Layers of Time and Space: The Construction of Class, Ethnicity, and Nationalism among Portuguese Immigrants”, Nina GLICK-SCHILLER, et al. (eds.), *Towards a Transnational Perspective on Migration: Race, Class, Ethnicity and Nationalism Reconsidered*, New York, The New York Academy of Sciences, 145-74.
- FERRAROTTI, F. (1983). On the autonomy of the biographical method. In D. Bertaux (dir.) *Biography and society: the life history approach in the social sciences*. London/Beverly Hills: Sage Publications.

FOUCAULT, Michel. (1988). « Les techniques de soi », in *Dits et écrits*, 1954-1988, t. II, 1976-1988, Paris, Gallimard : 1602-1632.

GLICK-SCHILLER, Nina & FOURON, Georges Eugene. (2001). *Georges woke up laughing: long-distance nationalism and the search for home*. Durham, n.c.: Duke University Press.

GOODY, Jack. (2000). *The Power of the Written Tradition*. Smithsonian Institution Press: Washington and London.

HOLTON, Kimberly DaCosta e Andrea Klimt. (2009). *Community, Culture and the Makings of Identity: Portuguese-Americans along the Eastern Seaboard*. Dartmouth: University of Massachusetts Press.

HOLTON, Kimberly DaCosta. (2005). “Pride, prejudice and politics: performing Portuguese folclore amid Newark’s urban renaissance”, *Revista Etnográfica*, Vol. IX (1), pp. 81-101.

LECHNER, Elsa (2009), “Migração, pesquisa biográfica e emancipação social: contributos para a análise dos impactos da pesquisa biográfica junto de migrantes”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 85, 2009, 43-64.

LECHNER, Elsa (2010), *Enfants de l'eau: la reconstruction de l'identité en situation d'immigration, le cas des transmontanos en région parisienne*. Sarrebruck: Éditions Universitaires Européennes.

LECHNER, Elsa. (2014a). “Pesquisa biográfica junto de imigrantes em Portugal: experiência de pesquisa participativa e relevância analítica dos testemunhos privados”, *História* (São Paulo) v.33, n.1, pp. 97-108, jan./jun.

LECHNER, Elsa & Pedro Abrantes. (2014b). “La investigación (auto)biográfica en Portugal, Un mapeo y dos estudios”, *Revista Mexicana de Investigación Educativa*, 19, Núm. 62, pp. 859-883.

LOURENÇO, Clara Moura. (2008). “Testemunhos autobiográficos de mulheres emigrantes: para uma nova gramática da portugalidade”. *E-cadernos ces* [Online],02. <http://eces.revues.org/1314>.

MEDEIROS, Paulo de, e Sonja HERPOEL. (2008). “Iberian Autobiography”, in *Bulletin of Hispanic Studies*, 85, 2.

PAP, Leo. (1976). *The Portuguese in the United States: a Bibliography*. New York: Center for Migration Studies.

SILVA, Tozé. (2012). *Labirinto. Memórias de um beirão*. Newark: Edição de Autor.

SMITH, Sidonie, and Julia WATSON. (2010). *Reading autobiography. A guide for interpreting life narratives*. 2<sup>nd</sup> edition. University of Minnesota Press.

SOARES, Baldomiro. (2013). *Freixiosa. A minha terra e o museu. (Comendador José Abrantes dos Santos)*. Newark, Loulé: Edição de autor.

VILLAR, Carmen Ramos. (2012). "Janus and the Portuguese Emigrant: the autobiographies of Portuguese immigrants in the United States", *Luso-Brazilian Review*, University of Wisconsin Press, 49: 2, pp. 232-250.